



IDENTIDADES TERRITORIAIS DO QUILOMBO PACOVAL: RESSIGNIFICAÇÕES DOS FAZERES E SABERES DO MARAMBIRÉ EM ALENQUER, PARÁ¹

Leide Joice Pontes Portela ²

RESUMO

Neste trabalho, se propõe a investigação de uma festividade popular que (r)existe há mais de um século na comunidade quilombola de Pacoval, localizada no município de Alenquer, oeste do Pará. Marambiré é uma festa de congada que consiste na representação de uma corte real, onde os personagens reais são organizados hierarquicamente no Cordão do Marambiré. A festa do Marambiré acompanhada de rituais religiosos, performances musicais, corporais e linguísticas expressa intensas territorialidades e representa a resistência cultural dos quilombolas de Pacoval, trazendo consigo uma carga subversiva, política, ancestral, territorial e afetiva. A festa do Marambiré representa a retomada de um reinado de Congo que além de germinar suas ancestralidades, também afirma, protege e dá sentido ao território. Trata-se de uma pesquisa fenomenológica, ancorada no trabalho de campo que ocorreu em janeiro de 2020.

Palavras-chave: Marambiré, Pacoval, festa, território, quilombo.

ABSTRACT

This work proposes the investigation of a popular festival that has (r)existed for over a century in the Quilombola community of Pacoval, located in the municipality of Alenquer, west of Pará. Marambiré is a congada festival that consists of the representation of a court real, where the real characters are hierarchically organized in the Cordão do Marambiré. The Marambiré festival accompanied by religious rituals, musical, bodily and linguistic performances expresses intense territorialities and represents the cultural resistance of the Quilombolas of Pacoval, bringing with it a subversive, political, ancestral, territorial and affective charge. The Marambiré festival represents the resumption of a Congo reign that, in addition to germinating its ancestry, also affirms, protects and gives meaning to the territory. It is a phenomenological research, anchored in the field work that took place in January 2020.

Keywords: Marambiré, Pacoval, party, territory, quilombo.

INTRODUÇÃO

¹ Este trabalho é resultado do projeto de pesquisa de mestrado financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Rondônia (PPGG/UNIR). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Modos de Vidas e Culturas Amazônicas (GEP CULTURA). E-mail: joice.portela13@gmail.com



Sendo uma manifestação cultural singular na Amazônia, Marambiré é uma festa de congada com forte caráter religioso que consiste na representação de uma corte real de Congo, onde os personagens reais se organizam hierarquicamente no cordão do Marambiré, realizada secularmente na comunidade quilombola Pacoval, município de Alenquer, Estado do Pará. Tendo a festividade voltada a devoção de santos do catolicismo popular, sendo o principal deles, São Benedito, o santo preto, se cria assim uma dimensão simbólica atada a religiosidade e ancestralidade que se apresenta de forma ritualística envolvendo dança, música, diversão e dramatização.

A territorialidade produzida a partir da festa, da dança, do som do tambor e do reinado de Congo, torna-se também um fenômeno de resistência que demarca um tempo coletivo que transita entre um tempo histórico de dores e angústias vividos pelos seus antepassados escravizados e o resgate de um reinado ancestral onde celebram a liberdade lutada e conquistada por meio das matas e rios de uma Amazônia negra. Assim, faço uso da leitura de Scott (1992, p. 30) sobre resistência, na qual provém de redes sociais “informais de parentes, vizinhos, amigos e laços comunitários. Tal como a resistência simbólica que encontramos em formas de cultura popular”.

Marambiré é um grito de liberdade, dor e resistência. Nos cânticos, a rememoração dos seus antepassados. Na dança, seus corpos negros, livres e expressivos. Nas indumentárias e acessórios, as cores, os sabores e a realeza. Na música, a ancestralidade, a identidade e os mitos. No território, à apropriação material e simbólica que dão solidez à uma identidade territorial.

Foi nas redefinições identitárias fincadas numa afrodiáspora que esses povos reinventaram suas práticas e construíram novas formas de viver. Ao espacializar esses novos arranjos, temos majestosas manifestações culturais advindas desse processo, como a festa do Marambiré. Mesmo com a diáspora forçada e a perda do território de origem, se teve a construção de territórios que pudessem abrigar as (novas) formas culturais atadas a africanidade - territorialidades (re)construídas -. A festa representa o momento de retomada e ressignificações de práticas rompidas pelo cativo, pois o ato de festejar cria uma situação de transgressão das normas sociais (ALMEIDA et al., 2018). As festas populares se concebem enquanto um importante fenômeno cultural, tendo origens e



sentidos diversos, essas manifestações podem adquirir um papel central na construção de identidades e memórias coletivas.

Levando em consideração esses aspectos, a proposta deste trabalho é apreender como a festa do Marambiré se relaciona com o território a partir dos referenciais simbólicos, na qual se insere a identidade, por exemplo. Em termos culturais, territoriais e festivos, focos do presente estudo, Fredrich (2018) parte do pressuposto que as territorialidades quilombolas são construídas por meio de práticas sociais, culturais e simbólicas e isso não é dessemelhante no quilombo Pacoval. Esse universo simbólico permeado de luta, identidade e cultura, origina uma forte identidade territorial.

Bonnemaison (2002) expressa que não existe etnia ou grupo cultural que não seja provido de um território, seja na materialidade como na imaterialidade. A autonomia e as experiências coletivas, sobretudo religiosas que a festa proporciona à comunidade é o que vai produzir liga ou cimento ao território, consolidando a unidade social e promovendo a identidade territorial (D'ABADIA; SILVA, 2014). A festa do Marambiré acompanhada de rituais religiosos, performances musicais, corporais e linguísticas expressa intensas territorialidades e representa a resistência cultural dos quilombolas de Pacoval, trazendo consigo uma carga subversiva, política, ancestral, territorial e afetiva. Trata-se de uma pesquisa fenomenológica, onde o trabalho de campo com o apoio da história oral e da observação direta se apresentam à luz de autores e autoras que fundamentam a vivência em campo. A conexão entre fenomenologia e geografia permite uma produção científica que preconize uma geografia dos espaços vividos, que se manifesta através das experiências, emoções, percepções e nas ações das gentes.

De extrema importância tanto na atuação em campo, como no gabinete, a história oral se faz presente na construção metodológica deste trabalho. De forma simplista, história oral “é a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral, ou seja, suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim” (MEIHY, 2020, p. 14), sendo parte de um conjunto de fontes orais, a sua manifestação mais habitual é a entrevista. As entrevistas ajudaram na compreensão acerca do modo de vida e das territorialidades incutidas nas práticas cotidianas, da (re)organização espacial da festa, dos sentimentos e sentidos para com o Marambiré. A memória coletiva (HALBWACHS, 1968) se faz inerente nesse processo metodológico na qual a memória afrodiaspórica,



festiva e territorial são basilares na vida e nas práticas espaciais dos quilombolas de Pacoval, sendo fundamental o registro e a documentação dessa “memória oral” como cita Bosi (2003, p. 16). Sendo fruto do trabalho de campo realizado em janeiro de 2020, a partir também da observação direta, esta pesquisa tem no trabalho de campo a principal fonte de dados.

QUILOMBOS, FESTAS E OUTRAS RESISTÊNCIAS

Contextualizo aqui algumas formas de resistência. Moura (2020) traz certas contradições fundamentais do escravismo no Brasil, na qual as duas classes principais – senhores e escravos -, se chocavam, criando a contradição básica que determinava os níveis de conflito. É na dinâmica de dominação/opressão do sistema escravista e as diversas formas de resistência a esse regime, que surgiram novos arranjos espaciais dotados de identidade, cultura e autonomia.

Por mais que estivessem na condição de escravizados, as negras e os negros africanos traficados para o Brasil, articularam territorialidades de estratégias de sobrevivências, como a constituição de famílias, sincretismos religiosos, guerrilhas, festas e principalmente a constituição de quilombos. Munanga (2009) considera que os bantos, os primeiros a chegar, deram o primeiro exemplo de resistência à escravidão na reconstrução do modelo africano do “quilombo”, importado da área geográfico-cultural Congo-Angola.

Funes (1996) menciona que a constituição familiar entre os escravizados foi a primeira forma encontrada por eles para amenizar os infortúnios vividos, pois a partir do casamento se ganhava mais gerência na área de moradia. Outra forma de se ter autonomia era a partir dos momentos festivos, principalmente de festas religiosas, na contemporaneidade chamadas de festa de santo³. Eram nesses espaços festivos onde os negros e as negras se cruzavam culturalmente, onde a contraordem ao sistema escravista não era falada, mas sim dançada e cantada. As festas⁴ herdadas do período colonial eram

³ Referente aos santos do catolicismo popular.

⁴ Valendo-se das festas religiosas, os escravos faziam devoções a seus santos, cantavam seus cantos e dançavam suas danças. Eram momentos em que as origens africanas se manifestavam, e



arraigadas de estratégias que agiam como rede de resistências, em razão das oportunidades de fugas que os períodos festivos⁵ proporcionavam. Como afirma Silva e Rosa (2017, p. 17) “nos batuques, nas congadas, na capoeira, nos terreiros e pelo tambor, se ecoa a transgressão da ordem do sistema escravista em que a comunidade negra inscreveu uma afirmação étnica”.

Salles (2004) retrata o Marambiré de Pacoval como sendo a congada amazônica, considerando-a a “mais pura” e unvida de inspiração religiosa, o que mais reflete a herança da congada em contexto amazônico. Segundo Fernandes (2007) as congadas se referem às danças e à música, tendo instrumentos simples e rítmicos, como pandeiros, bumbos e tambores, a musicalidade é monótona e triste. “Consistindo na repetição dos mesmos passos e dos mesmos gestos, participam dos três caracteres essenciais do auto, cada qual no seu tempo: é profana, religiosa e guerreira”. (p. 269).

Corrêa (2013) reitera que a festa enquanto território se constitui por meio das práticas culturais que se inserem em uma multiplicidade de relações de diversas naturezas (religiosa, econômica, artística, lúdica, política etc.) -, necessitando assim, melhor refletirmos sobre o ato de festejar, objetivando distingui-las do puro espetáculo. As festas tiveram um papel de destaque na vida dos escravizados africanos, uma forma de subversão performática onde reencontravam suas origens, lazes, autonomias e forças. Assim, as festas podem ser definidas como uma luta pelo poder, significada pela conceituação do seu espaço delimitado por fronteiras que, dessa forma, semiografam seu território (CORRÊA, 2013).

Marambiré já teve seu ciclo festivo intensamente distribuído ao longo do ano, sendo realizado dia 25 de dezembro até dia 20 de janeiro, porém, levando em consideração a idade avançada da maioria dos membros e membras do cordão, decidiu-se coletivamente suprimir o calendário. Atualmente a festa se manifesta no Natal, dia 06 e 20 de janeiro. Tendo o rei de Congo, a rainha de Congo, as rainhas auxiliares, os valsares, o caixeiro e o violeiro, o cordão do Marambiré tem sua primeira etapa-ritual na

novas identidades culturais se constituíam. Carimbó, lundum, boibumbá, marambiré e outros folguedos se cristalizaram a partir de práticas culturais dos escravos.” (FUNES, 1995, p. 42)

⁵ “Nessa região as festas, em especial as dos ciclos natalino e junino, coincidem com o tempo de inverno e da castanha. (...) Tempo de festa, tempo de cheias, tempo da castanha - era este o tempo da fuga.” (FUNES, 1995, p. 67)



igreja de santo Antônio. O ato litúrgico é envolto na emoção e fé dos festeiros, pois nesse espaço se tem o compartilhamento das bênçãos recebidas pelo São Benedito. Após a missa, o cordão do Marambiré se organiza da seguinte forma: à frente do cordão ficam as rainhas auxiliares, dando um espaço de destaque ao rei e a rainha de Congo. Os valsaes (homens responsáveis por tocar o pandeiro) se organizam em duas filas iguais, cada fila contendo 10 pessoas, ao lado ficam o caixeiro (responsável por tocar o tambor) e o violeiro (responsável por tocar a viola).

Figura 1– Marambiré em cortejo pelas ruas de Pacoval.



Fonte: PORTELA, L. Trabalho de campo, 06/01/2020.



Figura 2– Marambiré em cortejo aguardando o restante do cordão



Fonte: PORTELA, L. Trabalho de campo, 06/01/2020.

A festividade ocupa quase toda a comunidade, seja em cortejo, na igreja, ou entrando nas casas dos moradores e moradoras que deixam as suas portas e janelas abertas como sinal de convite. Os passos ora dançados com calma, ora ‘pulados’ de forma frenética, anunciam a liberdade, o tambor, os pandeiros e os cânticos “Ambirá” e “Mutuca Angolê” representam a retomada de um reinado de Congo que além de germinar suas ancestralidades, também afirma, protege e dá sentido ao território.

TERRITÓRIOS E IDENTIDADES TERRITORIAIS

Não se limitando a imobilidade conceitual da categoria território, os grupos podem criar e fortalecer territórios em que a dimensão simbólica se sobressai à dimensão material, se fazendo necessário pensar em outras perspectivas territoriais, como as análises culturais linkadas às identidades territoriais. Haesbaert (2013) afirma que o território pode ser percebido e concebido em múltiplas perspectivas “desde aquela de uma paisagem como espaço cotidiano, “vivido,” que “simboliza” uma comunidade, até um



recorte geográfico mais amplo e, em tese, mais abstrato como o do Estado-nação.” (p. 238). É desse território vivido, festejado e identitário que este trabalho se refere. Ainda segundo o autor, não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço por seus habitantes, o que torna também os territórios e as emoções, percepções e vivências, intensamente imbricados. Em Pacoval, o território quilombola constituindo às margens do rio Curuá e às margens da sobrevivência e da luta, a identidade está intimamente ligada ao território e as manifestações culturais e religiosas que dele o afirmam e o protegem.

Conforme Haesbaert (2013) quando o referente simbólico central para a construção da identidade parte ou transpassa o território, se tem a identidade territorial. Partindo dessa análise, a festa do Marambiré em Pacoval produz fortes identidades territoriais, pois a ancestralidade e a temporalidade emitida pela festa, os lembram quem são, o que os fizeram e como foi árduo o processo de (re)criação dos territórios quilombolas produzidos pela escravidão no Brasil, pois como bem alega Moura (2020) onde existia a escravidão, existia o negro aquilombado.

Haesbaert (2013) considera que uma das bases para dar consistência e eficácia as identidades são os referências concretos que ela utiliza para ser construída. Nesse sentido, a identidade territorial proposta por Haesbaert (2013, p. 238) diz respeito “a identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua construção está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto.”. Em Pacoval, se tem uma junção dos dois aspectos, o simbólico e o concreto, criando identidades sólidas ligadas ao território. Para melhor compreendermos a identidade territorial em Pacoval, é necessário remeter às narrativas sustentadas na comunidade, na qual se insere a subjetividade, memória coletiva e oralidade.

A dimensão religiosa se espacializa de forma intensa no quilombo Pacoval e principalmente na festa do Marambiré em honraria a São Benedito. A forte devoção aos santos do catolicismo, como São Benedito, Santo Antônio e Santa Luzia, é herança ainda do período escravocrata em que a memória coletiva da comunidade mantém a narrativa de que a constituição e permanência do quilombo de Pacoval foi regada pela proteção dos santos, que seus antepassados no auge do medo e desespero evocavam (PORTELA, 2021). Essa proteção divina ao território produziu uma ligação umbilical entre humanos,



divindade e o território. A festa do Marambiré, além de tomar para si a função de irradiar bençãos e cura aos que festejam no Marambiré, também evidencia o caráter ancestral de suas origens, o que torna o festejo afro-brasileiro. Essas territorialidades complexas e embricadas de sincretismos, encontros culturais e misturas geracionais dotam o território quilombola de Pacoval com a força e resistência.

Fraga (2017) revela que o território próprio ao grupo é concebido como um terreno em que as regras que fundam a identidade gozam de uma absoluta e incontestável validade, ou seja, a identidade parida e mantida no território, torna-o mais forte. Se tratando dos territórios quilombolas e a luta decenal para se obter legitimação jurídica, são as manifestações culturais e identitárias juntamente com as formas de uso e ocupação da terra que vivem e trabalham que simbolizam e caracterizam a identidade camponesa, negra e quilombola (ALMEIDA et al, 2018), sendo essas características fundamentais para o autorreconhecimento e para se iniciar o trâmite jurídico de titulação quilombola, como ocorreu em Pacoval, sendo o segundo quilombo do Brasil a ser titulado em 1995.

De acordo com Saquet (2009) os símbolos que compõem uma identidade não são construções totalmente eventuais; mantêm sempre determinados vínculos com a realidade concreta. Os vários conflitos pela defesa de fronteiras, por exemplo, demonstram que as referências espaciais permanecem relevantes para a definição ou fortalecimento de identidades. A própria memória de um grupo social precisa de uma referência territorial. Nessa perspectiva, partilhada por indivíduos e grupos, emergem as indicações dos antepassados, dos povos africanos, dos reis de Congos, dos santos de devoção negra (RATTS, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessarte, o Marambiré passa a ser o marcador identitário e territorial mais significativo do quilombo. A festa mantém recriando uma tradição graças à memória coletiva acionada todos os anos durante os rituais festivos, mantendo também uma identidade territorial.



A luta pela permanência na terra se constrói no campo político, por meio da qual as comunidades quilombolas elaboram estratégias de afirmação a partir do acionamento de uma identidade negra, nesse caso, a memória escrava junto da performance festiva do Marambiré que foi herdada desse processo histórico, criaram e intensificaram uma identidade territorial, se tornando aliadas políticas para a legitimação do território enquanto quilombo.

Percebe-se que o marambiré se torna um sustentáculo na vida dos quilombolas de Pacoval, ligados a manifestação de fé e etnicidade que a festa representa. Nutrindo um território sagrado repassado de geração a geração. Sendo também uma espécie de performance-ritual que toma pra si o cargo de centralidade na vida dos quilombolas de Pacoval, produzindo e sustentando os comportamentos sociais, culturais e religiosos na comunidade. (PORTELA, 2021, p. 66).

A festa consegue (re)unir vários tempos e esses tempos são carregados de sentimentos, seja de dor, alegria, diversão, liberdade ou tristeza. O Marambiré proporciona uma forte conexão com o território quilombola de Pacoval, com o sagrado, com a ancestralidade e com o sentimento de acolhimento e pertencimento com as suas histórias, memórias, culturas e modos de vida. Marambiré só tem a sentindo e a significância que tem, quando realizada no território no qual há uma identificação geracional. Pacoval não se descola do Marambiré e o Marambiré não se descola de São Benedito, e os moradores de Pacoval não se descolam desses elementos, pois é nessa terra onde há suas raízes, proteção e bençãos. É em Pacoval onde tornam-se reis e rainhas de Congo.

A festa se torna uma metamorfose momentânea de papéis sociais, inscrevendo grandes personalidades, como o rei e as rainhas do Marambiré. Pelo menos naquele dia, os quilombolas de Pacoval tornam-se pertencentes a um reinado, rompendo o jugo de seus antepassados, se apropriando e ressignificando o passado ainda presente na memória coletiva. No tempo da festa, celebram o sentimento comum de substituição do cotidiano, pelo reinado a qual se tornam pertencentes e protagonistas.

REFERÊNCIAS



ALMEIDA, Maria Geralda. **Geografia cultural: um modo de ver. Quintais rurais e a visibilidade do trabalho e saberes das mulheres quilombolas e assentadas - Goiás – Goiânia: Gráfica UFG, 2018.**

ALMEIDA, Maria Geralda et al. **Vamos festejar! Festas populares em Goiás.** In: ALMEIDA, Maria Geralda (org.) Territórios de tradições e de festas. – Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

ALMEIDA et al. **“Eu acho que a terra é o fundamental, né? Porque o quilombola, o indígena, sem a terra ele não tem nada”:** território e identidade na comunidade quilombola Ipiranga – PB. In: RODRIGUES, M; MARQUES, A. (org.). A geografia dos povos tradicionais: marcos legais e construções sociais, João Pessoa: Editora UFPB, 2018.

BONNEMAISON, Joel. **Viagem em torno do território.** In: CORRÊA, Roberto Lobato; 2002.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaios da psicologia social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CORRÊA, Aureanice de Mello. **“Não acredito em deuses que não saibam dançar”:** a festa do candomblé, território encarnador da cultura. In: CORRÊA, R; ROSENDAHL, Z. Geografia cultural: uma antologia, volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

D’ABADIA, Maria Idelma; SILVA, Mary Anne. **A Geografia e o Sagrado: Festa de Nossa Senhora do Rosário em Goiás,** p. 200. 2014.

FUNES, Eurípedes. **“Nasci nas matas, nunca tive senhor” história e memória dos mocambos do Baixo Amazonas.** REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos. Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. –São Paulo: Companhia das letras, 1996.



FUNES, Eurípedes. **Nasci nas matas nunca tive senhor:** história e memória dos mocambos do Baixo amazonas. Tese (Doutorado em História) - São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 1995.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos.** – 2ª ed. Revista – São Paulo: Global, 2007.

FRAGA, Nilson Cesar. Território e Silêncio: contributos reflexivos entre o empírico e o teórico In: **Territórios e Fronteiras: (Re)arranjos e Perspectivas.** 2ª ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, p. 73-90, 2017.

FREDRICH, Maria Salomé. **Tramas territoriais e tessuras multidimensionais em comunidades quilombolas na Paraíba.** – Tese (Doutorado em Geografia) São Cristóvão, SE, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva.** 2ª ed. Universitaires de France, Paris, 1968.

HAESBAERT, Rogério. **Identidades territoriais.** In: CORRÊA, R; ROSENDAHL, Z. Geografia cultural: uma antologia, volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA, Fabíola. **História oral:** como fazer, como pensar. _ 2. ed., 8ª reimpressão. – São Paulo, Contexto, 2020.

MOURA, Clóvis. **Quilombos:** resistência ao escravismo. 1ª ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2020.

MUNANGA, KABENGELE. **Origens africanas do Brasil contemporâneo:** histórias, línguas, culturas e civilizações. – São Paulo: Global, 2009.

PORTELA, Leide Joice Pontes. **Entre promessas e devoção:** A festa do Marambiré em honraria a São Benedito. In: CARVALHO, L; APARICIO, M; SILVA, R. (orgs.). Ciências e sociedade: Diálogos Interdisciplinares na Amazônia. Sociedades locais: memórias e expressões, coletividades e políticas, V.1. 1ª ed. – Belém: RFB, 2021.



RATTS, Alessandro. **Congadas e culturas negras: canções e lugares.** – Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

ROSA, Eloisa Marques; SILVA, Renata de Lima. **Performance Negra e a Dramaturgia de Corpo no Batuque.** Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 249-273, ago. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-266063510>

SALLES, Vicente. **O negro na formação da sociedade paraense.** Belém: Paka-Tatu, 2004

SAQUET, Marcos Aurélio; BRISKIEVICZ, Michele. **Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial.** Caderno Prudentino de Geografia, v.1, n.31, p. 3-16. 2009.

SCOTT, James C. **A dominação e a arte da resistência: Discursos ocultos,** 1992.

TINHORÃO, José Ramos. **Festa de negro em devoção de branco: do carnaval na procissão ao teatro do círio.** – São Paulo: Ed. Unespe, 2012.